Os ritos fúnebres entre as tribos do Uaupés (Amazonas)

Por Pe. Alcionilio Brüzzi Alves da Silva, Salesiano

Sumário:

As tribos que habitam as margens do grande rio Uaupés (com 850 Km de comprimento e até 3 Km de largura) e seus dois principais afluentes o Tiquié e o Papuri, pertencem a duas famílias linguísticas diversas que designamos pelo nome da tribo principal de cada grupo, a saber:

1º A Família Linguística tucano — compreende as seguintes tribos: 1º Tucano, 2º Pirá-tapúia, 3º Dessana, 4º Suriana, 5º Jurití, 6º Cubeuana, 7º Uanana, 8º Arapaço, 9º Mirití, 10º Tuiuca, 11º Bará, 12º Carapanã, 13º Iepá-maxsã, 14º Hanenã (ou Panenuá), 15º Edúria, 16º Páboa (ou Tatú-tapúia), residindo estas quatro últimas propriamente nos igarapés ou pequenos afluentes das cabeceiras do Papuri e Tiquié.

2º A Família tariana — compreende as tribos. 1º Tariana e 2º Cumandene, que são os dois únicos representantes do grupo Aruaque no trecho brasileiro do Uaupés.

Admitem essas tribos que o homen é composto de dois elementos: o corpo (*uaxpö*) et alma (*héripõra*). *uxapõ* e *héripõra* são termos, como outros que aparecerão neste estudo, da Lingua Tucano, que é o idioma da tribo principal e que vai suplantando os outros idiomas, de sorte que as tribos Mirití, Arapaço e Cumandene hoje falam exclusivamente o Tucano.

Todo homem é, por natureza, imortal, pensam os indígenas dessas tribos. Porem, por ação maléfica de algum inimigo, sobrevém a morte, *uerinsé*, ou separação dos dois elementos. O corpo será sepultado e aos poucos se reduzirá ao nada. Nem admitem una futura ressurreição. Quanto à alma, essa continuará, no além, outra vida semelhante a que se leva aqui na terra. Continua a caçar, pescar, comer, beber, e até, afirmam alguns, pode ter filhos na outra vida, embora não saibam explicar como, nem de qual natureza sejam êsses filhos.

Há um culto social com grande força vinculativa dos elementos da tribo. São três os elementos dêsse culto póblico social : o rito do *poosé* (ou oferta dos frutos ou do peixe), o rito pubertário e o rito fúnebre.

O Rito fúnebre consta, por sua vez, de três elementos, a saber : o chôro-elegia, o sepultamento e a festa fúnebre.

I. Chôro-elegia

Como era de esperar-se, é bem fraca a vida sentimental dêsses indígenas. Não há particulares manifestações de amor, de amizade, e muito menos, de ciúmes. No caso dos filhinhos pequenos percebe-se na mãe um pesar pela doença e ansiosa preocupação pela cura. Quanto aos outros, é impressionante a indiferença com que o índio vê outro índio sofrer, seja embora seu irmão, pai ou mãe.

Talvez num canto da maloca (a grande habitação coletiva) jaz um pobre doente em estado grave, e sem se preocupar com êle os habitantes da maloca continuam sua vida ordinária, ou se entregam a grandes orgias que talvez venham aumentar os sofrimentos do doente. Talvez nem se dêem cuidado de providenciar-lhe remédio, ou sequer a alimentação. Quiçá o pajé (feiticeiro-curandeiro) se pronunciou sôbre o caso, dizendo-o fatal. Nessa hipótese, os parentes se julgam dispensados de dar ao doente comida ou bebida « porque vai morrer mesmo ».

O próprio doente, num raro exemplo de estoicismo, sofrendo quiçá as dôres mais cruciantes, e o rumor da maloca, sem um gemido, sem uma queixa, talvez seja êle mesmo quem recusará a alimentação, se alguém pensar em trazer-lha.

No entanto, quando os habitantes da maloca se derem conta da morte do doente, prorrompem em clamoroso pranto. É a lamentação da tribo pelo membro que desapareceu. Pode dar-se que, no entusiasmo de uma festa, não perceberam o falecimento ; então o chôro virá com algumas horas de atrazo. Ou, vice-versa, houve engano, ainda não faleceu, e o chôro antecipa (e acelera ?) o falecimento.

Cumpre distinguir no chôro-elegíaco os elementos espontâneos, os esconjuros e a elegia proprimentea dita.

1º Como elementos espontâneos, recordamos as lágrimas que correm abundantes, os gritos, as invocações frequentes do defunto : *iö-paxcö* (meu pai), repetirá muitas vezes o filho ; uma mãe dirá : *iö-maxcön* (meu filho) ; uma viuva : *iö-pörá paxcö* (pai dos meus filhos).

Como já se pode prever, as mulheres são mais expansivas e abundantes em lágrimas e gritos. Muitas vezes abaixam a cabeça, de sorte que os cabelos caem-lhe pelo rosto e com freqüência os impelem para trás e com o dedo indicador direito recolhem as lágrimas e as sacodem pàra o lado.

2º Como sempre supõem que a morte foi provocada por algum inimigo, não faltam as maldições e esconjuros contre esse inimigo. Temos visto também acompanhar essas maldições com gestos longos, da cabeça ao longo do corpo do defunto, como indicando que o *dohassé* (malefício) que causou a que a morte saía do corpo e recaía sobre o causador da morte.

Essas lamentações muitas vezes são desordenadas, cada pessoa por sua conta. Postam-se elas sentadas em banquinhos ou de cócoras ao lado do cadáver; ou estarão espalhadas pelos cantos da maloca. Alguns, enquanto executam essas lamentações ou esconjuros, vão com um pauzinho ou mesmo com o dedo riscando traços paralelos, como se estivessem distraindo-se. Temos visto uma mãe que, ao prantear o finado *tuxáua* (*viógõ* como se diz em Tucano ou *tuxáua* é o chefe local) de Parí-cachoeira (no Rio Papurí, aos 5 de julho de 1954) procurava distrair a sua criancinha de meses, cedendo-lhe depois o pauzinho com o qual a criança pôs-se também a traçar no chão riscos paralelos, como vira sua mãe fazer.

Às vezes a alentação se dá coletiva e ordenadamente; um grupo de mulheres (e parece que é uma pratica exclusiva das mulheres, as quais, por isso se denominam *uxtiná*, i. e. carpideiras, choradeiras) de pé ou mesmo de cócoras dispõem-se em círculo e avizinham as cabeças até se tocarem, enquanto uma delas procura abraçar as outras pelas nucas. A principal carpideira dirige o chôro, proferindo rapidamente seus esconjuros e pragas, num tom caraterístico, com a participação das outras que vão repetindo as palavras finais, e por fim tôdas se desabafam em ruidoso pranto.

3º Um elemento importante da lamentação do morto, é a elegia, de caráter panegírico. É essencialmente um elogio do defunto, recordando suas boas qualidades, seus trabalhos e suas façanhas. Êsse elogio póstumo será como o pranto, intercalado de freqüentes e numerosas invocações do findo. É um recitativo com uma melodia característica, a saber modulação constante da voz que passa de notas bem graves às mais agudas, num ritmo seu tanto livre.

A elegia é um gênero literário em que a fantasia do panegirista tem campo para seu talento. Podem aparecer composições belas e até com apreciavel lirismo, como a que daremos abaixo. Muitas vezes, porém, são « frases feitas » que a carpideira terá repetida em tantas outras ocasiões. Ouvem-se dessas elegias, quer quando as carpideiras choram por sua conta, quer quando o fazem em grupo. Neste caso o grupo todo canta também a elegia, ou repetirá apenas frases, como estribilhos entremeados aos versos que vai cantando a carpideira principal.

Em certos momentos não só as lagrimas abundantes, mas também a entoação da voz e a expressão do rosto revelam uma emoção viva de quem chora. Em outros momentos, ao invéés, aquela mesma pessoa dá-nos a impressão de quem declama algo de cor, sem lhe atender o sentido, sem se emocionar.

O pranto pode durar longas horas, não só porque se sucedem os lamentantes, como, numa prova de admirável resistência, a mesma pessoa prossegue, com pequenos intervalos de descanso, para retomar em seguida as lamentações, até que por fim emitirá apenas roucas invocações do morto.

Pode, outrossim, durar poucos minutos, para, numa passagem chocante, voltar tudo ao normal, como se nada houvesse acontecido. Talvez o desenlace se deu no princípio da noite. Então as circunstantes, após o chôro rumoroso, passarão as horas restantes da noite em alegre conversação, talvez mesmo com descompostas gargalhadas. Pois um traço caraterístico da psique indígena e o bom-humor, a alegria e a facilidade de soltar sonoras e típicas gargalhadas.

A viúva do Tuxaua de Pari-cachoeira, de pois de prantear por uns 20 minutos o marido, com evidentes sinais de mágoa, recolheu três pauzinhos roliços (que tomara na mão ao iniciar seu chôro, e mais tarde depusera junto do cadáver) e foi atender ao *mingau* (sopa rala de farinha de mandioca) que deixara esquentando num pequeno fogo a uns três metros de distância. Aí com imcompreensível calma, ou mesmo indiferença, pôs-se a ativar o fogo, a conversar com outra mulher e por fim a tomar o seu *mingau*.

Quiçá se renovem ainda depois de mêses, cenas do pranto. Quando, por exemplo, um parente que morava distante vem visitar a viúva, ao se encontrarem, põe-lhe esta as mãos nos ombros e prorrompe em lágrimas, gritos, imprecações e elogios do finado, como por ocasião da morte. E o visitante sinultaneamente participa com ela da lamentação. Dura, porém, êste desabafo poucos minutos, e entregam-se logo a animada e alegre conversa.

Eis um belo exemplo de uma elegia que nos foi fornecida pelo Missionário Pe. João Marchesí, da Missão Salesiana de Iauareté, sobre o rio Uaupés:

Paxcó uxtigo

a mãe que chora

Iö-maxcön, iö-maxcön, iö-maxcön!
ó meu filho, meu filho, meu filho!

Deroégo iöö döxporó uerintítohati mʌʌn?
porque eu antes não morri de ti?

Mʌʌn añubuxtiágö, tuxtuágö níntohapö
tu muito belo (bom), forte eras

Mʌʌn iö-iúkese, iö-ecatisé, iö-maisémena
tu minha esperança, minha alegria, meu amor (eras).

Mʌʌn diapoá-ré, iöö ĩansomé, mʌʌn buhiseré
teu rosto, eu não verei, teu sorriso

Mʌʌn böxsesé-ré töosomé!
tua voz não ouvirei!

Deró Mʌʌn-marĩsémēra até nʌnxkʌm-pö, até diá-pö?
como sem ti (viverei) nestas matas nestes rios?

Até uii-pö ñambuxtiasémēra caxti maxsínsari?
nesta casa tão triste (como) poderéi viver?

Mʌʌn maĩgö oxcó-ré, pexcáme-re iöö-ré axpoiúgö.
tu carinhoso agua, fogo para mim aprontavas.

Mʌʌn-paxcö uerinsé-ré nʌxcʌntisé-re darétohapa.
de teu pai a morte bem leve tornaste-me.

Mʌʌn iöö- re uai-ré diá-pöré oógö,
tu para mim peixe do rio trazias,

Mʌʌn nʌnxkʌm-pö iuxkediká-ré oógö.
tu da mata fruto trazias.

Mʌʌn-marĩsemēra ñeené ueébosari?
sem ti que cousa farei eu (agora)?

ʌmʌncori-nʌnxkʌm uxtigo, mõõn-mẽra maxsampé-põ sooseré
cada dia chorar, contigo no sepulcro cedo descansar
iõ-maxcõn, iõ-maxcõn, iõ-maxcõn!
ó meu filho, meu filho, meu filho!

II. Sepultamento

Nota-se certa ansiedade em sepultar o defunto.

Todo cadáver constitui uma vista desagradável, porque lembra a morte; por isso, talvez, procurem logo desembaraçar-se dêle, mesmo quando não há outros motivos para tal (decomposição, perigo de contágio, etc.). Nenhum medo, porém, manifestam do defunto, como não há ritos de purificação.

Não são raros os casos em que o doente, ainda vivo, ouve a notícia que lhe vão preparar uma cova. Ou mesmo que assista a sua preparação, porque conforme os costumes antigos, o sepultamento se realiza dentro da maloca.

As colunas que sustentam o travamento e a cobertura da grande habitação coletiva, quase sempre a dividem internamente em cinco naves. Nas duas laterais, ao longo do beiral, estão os apartamentos de cada família, onde armam suas redes e guardam suas alfaias. As três naves centrais constituem espaço livre para os trabalhos, as conversas, as visitas e as festas. Nessa parte central da maloca é que também enterram os cadáveres.

Naturalmente não dispondo de enxadas nem enxadões, a cova se fazia com pau em ponta, e êste instrumento não lhes permitia senão abrir uma cova muito superficial.

Foi vista uma mãe forrar uma pequena cova com folhas de bananeira, e depois de aí depositar o cadaverzinho de sua criança, recobrir com outras folhas de bananeira e pequena camada de terra, pisando logo por cima, afim de comprimir bem, porque a cova era demasiado rasa.

O sepultamento é sempre definitivo.

Afirma Alfredo Russel Wallace que « Os Tarianos e Tucanos, bem como algumas outras tribos, cerca de um mês após o funeral desenterram o cadáver que já está em adiantadíssimo estado de decomposição e põem-no em uma grande panela ou fôrno sôbre o fogo, até que se lhe extingam as partes moles, o que se faz com o fétido mais horrível, ficando, por fim, apenas os ossos carbonizados, que são imediatamente triturados e reduzidos a pó. Êste pó em seguida, é colocado em vários cochos (cubas ou tinas, feitos de madeira) enormes, cheios de *caxirí*. O grupo presente, então bebe o *caxirí*, até acabar-se a última gota. Eles crêem, assim procedendo, que as virtudes do morte se transmitem a todos os que ingeriram esta bebida « (Viagens pelo Amazonas e Rio Negro » — Coleção Brasiliana — p. 638). É costume que se encontra entre outras tribos da América e mesmo do Amazonas, conforme as informações dos antigos exploradores, por exemplo os Uarequena do Issana e Xié, os Xomana do Japurá (Cf. « Roteiro » do Pe. José Monteiro de Noronha, Nº 122). Entre as tribos Tucano e Tariana, porém, menhum vestígio encontramos dêsses costumes.

Os índios do Uaupés são possuidores dos segrêdos de uma cerâmica bem perfeita. Fabricam grandes talhas para a preparação de suas bebidas (*pêru*, em lingua tucano). Não usam, no entanto, vasos fúnebres ou *igassabas* para o sepultamento, nem há indícios que jamais o tenham usado.

O processo tradicional é o *iuxcõsõ-coró*, ou canoa-esquife. Cumpre relevar que nessa região amazônica, os cursos dágua são os únicos meios de comunicação, e o peixe um alimento principal. Facil é de compreender-se que o índio passa grande parte da vida dentro da sua canoa, entretendo-se na pescaria ou em longas e freqüentes viagens de passeio. É certo que, de regra, todos os dias e durantes muitas horas por dia êle estará na sua canoa. Talvez esta sua velha canoa será o seu último leito; ou alguma outra arranjada para essa finalidade.

Serra-se a canoa em duas partes. Sôbre a primeira repousará o cadáver, junto ao qual se deposita o arco, flexa, rede e parte dos objetos de uso pessoal do morto. O restante da sua alfaia ficará qual herança á família, como a simbolizar e entreter as relações entre o morto e os seus sobreviventes. Não se esquecem de pôr ao lado do cadáver uma cúia com um pouco de farinha, e um pedaço de panela com algunas brasas acesas (hoje alguns palitos de fósforo). É uma manifestação da crença de que a alma, *héripõra*, levará, no além, uma vida semelhante à presente, onde se diverte na caça, pesca, toma alimentos, sente frio, etc. Declaram positivamente que ela vai para uma região fria.

A segunda metade servirá para recobrir o cadáver, amarrando-se com apertadas cordas as duas partes.

A cova não obedece a nenhuma orientação obrigatória. Será sempre naquela parte central e livre da maloca onde passou longas horas ocupado a tecer suas redes ou cestos de pescas, a preparar enfeites de danças, as alegres horas de amena conversa com seus irmãos de tribo ou com visitantes extranhos, as rumuroras horas das suas freqüentes festas, as noitadas de orgia.

Ao depôr o esquife na rasa excavação que servirá de cova, renova-se o clamoroso choro. Todos os presentes lançarão seus punhados de terra até que se encha a cavidade. O pisar indiferente dos transeuntes acabará em breve, por nivelar o terreno e nada indicará que alí foi sepultado alguém. Não só não se observa, mas nem sequer é verossímel o que informa WALLACE (Viagens pelo Amazonas e Rio Negro, p. 637) : « Em algumas das maiores

casas há, às vezes, mais de cem sepulturas, e quando as casas se tornam pequenas, e já estão cheias, fazem-se então as sepulturas foras ». Não é verossímel repetimos. Trata-se de péquenos grupos humanos que muito raramente superam uma centena de pessoas, portanto não haverá regularmente nem meia duzia de óbitos por ano. Além disso o clima e a umidade provocarão rápido desfazer-se dos restos mortais. E, ademais, não fica sinal algum denunciador das sepulturas.

III. Festa fúnebre

Pouco tempo depois do sepultamento realiza-se na maloca uma festa fúnebre. Será talvez em a noite imediata à morte, ou dentro de um mês conforme o tempo necessário para os prèparativos, convite e fabrico das bebidas.

Talvez o costume desta festa tenha induzido Wallace a atribuir aos Tucano e Tariana a prática da cremação deos ossos e a haustão das cinzas com a bebida, pois, como todas as festas indígenas, são também estas entremeadas e acompanhadas de abundantes beberragens.

As danças e cantos são, porém, os tradicionais, nem consta que haja especial recordação do morto. Como também não há sinal nenhum exterior de luto, passageiro ou duradouro, nem de pinturas, nem de enfeites.

Talvez entre os participantes da festa esteja a pessoa que o pajé, por meio de suas praticas mágicas, descobriu e denunciou como causador da morte. Convidam-no com o propósito de, na exaltação alcoólica (é a ocasião ordinária das « vindictas ») vingarem-se da morte do « irmão ».

Em berrante contradição com tão grande união do grupo em vida, verificam-se dois fatos: não se notam vestigios de comemoração coletiva dos mortos; apenas esta festa, logo após a morte, na qual não há, como dissemos acenos ao morto.

O segundo fato é a crença de que a alma, pode transformar-se em *uaxtím*, i. e. em espírito isolado da matéria, e que pode assustá-los e até prejudicá-los.

Havia há 30 ou 40 anos atrás na tribo Tariana, um costume que hoje só vigora entre os Uanana e Cubeuana do alto Uaupés, a dança das máscaras nesta festa fúnebre. Pelo exclusivo emprego da máscara em tal circunstância, denomina-se *iacocó sutí*, isto é veste de lágrimas. Um informante Tariana que sabia o português o denominou o « chôro grande ».

A máscara assemelha-se a uma tunica feita com o liber ou entrecasca da árvore denominada *tururí* (familia das esterculiáceas.) Escolhido o tronco que lhes parece conveniente, vão com grande paciência e habilidade, batendo com um macete de madeira toda a casca. A parte lenhosa da casca vai saltando fora e desprendendo-se do tronco a embira ou liber de côr branco. Retira-se assim um envoltório, como uma manga de roupa, porém muito mais larga. A túnica cobrirá o dançante da cabeça até a altura dos joelhos. A parte inferior será esgarçada como uma larga franja de seus 30 ou 40 cm. A parte superior se amarra de diversas maneiras, conforme o simbolismo da máscara. Representará a borboleta, uma ave, ou um animal; donde também a diversidade de nomes que terá, e de pinturas. Estas são feitas ordinariamente com um pó

vermelho obtido do arbusto dito *carajurú* (em tucano *õnoñã*) família das bignoniáceas.

Adaptam-se a essa túnica duas mangas por onde o dançante enfia os braços, e aplicam-lhe dois pequenos orifícios na altura dos olhos, a fim de possibilitar-lhe a visão.

É sem dúvida um costume totêmico, do qual, porém, hoje ignoram o verdadeiro sentido.

Parece oportuno, neste ponto, transcrever o funeral de um tuxaua que o primeiro Superior da Missão Salesiana pôde assitir entre os Tariana de Lauareté (rio Uaupés) aos 14 de novembro de 1918 :

« Uma cena pitoresca. Todos os homens armados de lanças e bastões. Em grupo cerrado dirigiram-se à pequena praça da maloca (isto é daquela grande barraca principal) e após diversas evoluções, a passo ou de corrida, entraram na maloca. Numerosa falange de mulheres já aí ocupavam a parte central. Tinham os cabelos soltos, choravam e gritavam. Os guerreiros alinharam-se em longa fila, estando a princípio de pé, em seguida sentados sôbre os calcanhares, começaram também êles seu pranto e lamentos.

De chofre levantam-se todos e começan a falar em voz alta, cada qual no próprio dialeto, dirigindo a palavra a si mesmos num solilóquio teatral. Descantam o valor do herói extinto, dirigem graves queixas pela sua perda inesperada e lançam impropérios e ameaças contra aquêles que foram causa da sua morte...

As suas palavras de dor, de indignação e ameaça eram acompanhadas de gesticulação nervosa e de contínuas mudanças de fisionomia : ora nobres, ora lacrimosos, ora ameaçadores. Terminou a primeira cena com assobios e bater de mãos.

Neste ínterim avançaram muitas personagens vestidas bizzaramente, como mascarados. Eram homens que trajavam uma espécie de túnica ou camisolão feito com a casca do *tururí*. Do tronco porosíssimo desta árvore, depois de bem banhado e batido, extraem o cortex inteiro. Cozendo-o dão-lhe forma de uma túnica ou camisolão, ultrapassando de muito a cabeça, na parte superior, e alargando-se em forma arredondada na parte inferior, com o auxílio de um aro circular. Pintam-se de variadas côres, imitando, na parte correspondente ao rosto a figura ou bico de uma ave, por exemplo, a de um urubú de uma coruja, gavião, tucano, etc.

Os que vestiam essas túnicas, caminhando sozinhos, ou dois a dois, emitem sons e gritos, procurando imitar a ave que representam. O urubú por exemplo, grita : *uaiuré, uaiuré* ; a coruja, *cucúreua, cucúreua*, etc.

Quem representa a borboleta corre um pouca à direita e depois à esquerda para imitá-la no vôo.

E que vem fazer estas aves ? Vêm participar do luto geral pela morte do tuxáua das suas florestas.

As mulheres e demais parentes do defunto repetem, entre outros, estes lamentos : « *paí; paí, paí, cané mandé, munquetá* ? ó pai, ó pai, ó pai ! onde encontraremos outro pai ? »

Estas cenas lacrimosas, estas declamações, êstes movimentos, êstes gritos

sucedem-se com poucas e breves interrupções, de sorte a não permitir silêncio ou descanco. Os que não tomam parte ativa na cerimônia, permanecem sentados ou de pé aos lados, silenciosos ou soluçando, os homens de um lado e as mulheres do outro, de modo que a maloca apresenta uma cena semelhante à descrita pelo nosso Alighieri :

> Parole di dolore, accenti d'ira,
> Voci alte e fiocche e suon de man con elle,
> Facevan um tumulto, in qual s'aggira
> Sempre in quell'aria tenebrosa...

Ninguém pode provar comida durante êsse tempo, porém a todos é servido com superabundância o *caxirí* e o *caxpí* (*caxirí* é termo da lingua geral ou nheengatú para indicar as bebidas indígenas em geral ; *caxpí* é palavra da lingua tucano e indica uma bebida violentamente excitante).

Esta ceremônia fúnebre começou ás 10 horas da manhã e continuou todo o dia e a noite inteira. Ao surgir da aurora foram queimadas as armas e tudo o que pertencera ao defunto. Depois retiraram-se todos, deixando sozinho na maloca o primogênito, que se torna, por direito de sucessão, o novo tuxáua do lugar.

E a 29, desse mesmo mês e ano, encontrou na maloca dos Uanana, em Tainha (alto Uaupés), mais de 400 índios reudinos para uma função fúnebre. Notou dois particulares mais do que em Lauareté : « os representantes dos pássaros em vez de dar simplesmente passos à frente e para trás, subiam, cantando, por duas grossas cordas presas às traves da maloca. A imitação era mais perfeita. Além das aves, vi representados aqui também outros animais, como a onça e o chamado « bicho-preguiça ».

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura